

FAZENDO ARTE: UM OLHAR SOBRE O MÉTODO “ARTE PARA TODOS”

Robson Benta

Nosso jeito de fazer teatro, de compartilhar teatro, é impulsionado pelo olhar. A partir dessa prática, nasce uma pedagogia de ensino de teatro que só faz olhar para os alunos com algum tipo de deficiência da mesma forma que olhamos os outros alunos, e, assim, atender às demandas na realização das atividades da mesma forma que fazemos nas turmas com alunos típicos (sem deficiência).

Ao permitirmos o acesso à experimentação da prática e da fruição artística, criamos o ambiente para uma descoberta que, para muitas pessoas, parece incrível: pessoas com deficiência são capazes de fazer teatro, como qualquer pessoa, desde que seja ofertada a possibilidade. Na prática, a condução das aulas não muda, porque nosso entendimento é de que o professor olha para os alunos e faz o que precisa ser feito para que cada um, do seu jeito, e principalmente no seu tempo, apreenda os conceitos do fazer teatral.

Romper com os formatos impostos como modelo é mais do que necessário, porque entendemos que as possibilidades que surgem, quando outros corpos e outros jeitos de ser experimentam a arte, são como um presente: um universo de humanidades que não conhecíamos. Quando entendemos e aceitamos que a arte pertence a todos os humanos e que tentar impor modelos nos diminui, criamos o espaço para a inclusão.

Nosso conhecimento nasce de saberes anteriores. Nesse sentido, em minha prática, há três mestres que, por serem professores de didática aberta, me ensinam e me inspiram a ser criativo e a compartilhar. Começo por Milton Santos, geógrafo que coloca o ser humano como centro do estudo do espaço e que fala de política, porque somos todos seres políticos (até os que acreditam que não são) e considera a moralidade (no sentido da relação que estabelecemos com os outros na convivência social) na política e, por extensão, no ensino:

O que distingue a moralidade é que ela é o fundamento da política, e nada se resolve a partir do domínio da técnica sem que o dado político seja posto em primeiro lugar. Quando eu falo em política não estou me referindo à política com o “p” minúsculo da qual estamos desgraçadamente muito longe, mas àquela outra

que é o desejo dos homens que pensam e que desejam e que pretendem, com o seu trabalho, melhorar o mundo para que melhore o seu país e o seu lugar.

Depois do Milton, tenho em Paulo Freire e em Augusto Boal outros dois pilares teóricos e muito práticos para a estruturação do que chamamos método “Arte para Todos”. O genial Paulo Freire define que “*o ensino é um processo transitivo, um diálogo, como deveriam ser diálogos todas as relações humanas*”. Dessa fonte bebeu Augusto Boal, que, com seu Teatro do Oprimido, trouxe para o ensino do teatro os saberes da *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire. Os três, com seus saberes, me ensinaram a aprender, e, assim, me fiz o professor que pensou o “Arte para Todos” como possibilidade real de inclusão pela Arte. O que aprendi e aprendo com suas teorias eu coloco em meu trabalho.

Entendemos a inclusão como uma tarefa individual, pois cada um de nós pode escolher o modo de tratar o outro, sem esquecer que os outros estão escolhendo a forma como vão nos tratar. Somos frutos de nossas experiências, e se não experimentamos nada, nada frutifica. Assim, o que buscamos no “Arte para Todos” é a ampliação do nosso olhar para a diversidade de corpos como uma nova forma de olhar para o mundo, para as pessoas.

Considerando que a barreira da aceitação do corpo é um impeditivo básico para a prática de muitas atividades, iniciamos a prática justamente por aí: conhecendo os corpos e percebendo as diferenças – sempre propondo atividades que possam ser executadas por todos os corpos, cada um com sua potência.

A partir das nossas vivências em sala de aula, estabelecemos alguns princípios norteadores que nos conduzem nos processos de aprendizagem contínuos e coletivos:

- Autocapacidade: você pode, você é capaz.
- Criatividade: arte, expressão e comunicação.
- Autonomia: iniciativa, tomada de decisão.
- Protagonismo: somos agentes da nossa história.
- Diversidade: identificação e respeito às diferenças.
- Relacionamentos: desafios nas relações sociais.
- Visibilidade: estar presente, ver e ser visto.
- Pertencimento: espírito de grupo, eu no coletivo.

A partir da aproximação com o meio acadêmico – e da experiência de ter o método de trabalho do “Arte para Todos” como objeto de pesquisa de Mestrado do psicólogo e professor Fabiano Furlan (defendida em 2020), intitulada *Ensinar arte, aprender e se desenvolver: sentidos e significados atribuídos por professores da educação não formal ao trabalho docente realizado junto a pessoas com deficiência intelectual* –, apoiamos nossa prática no entendimento de que:

Cada geração começa, portanto, a sua vida num mundo de objetos e de fenômenos criados pelas gerações precedentes. Ela apropria-se das riquezas deste mundo participando no trabalho, na produção e nas diversas formas de atividade social e desenvolvendo assim as aptidões especificamente humanas que se cristalizaram, encarnaram nesse mundo. Com efeito, mesmo a aptidão para usar a linguagem articulada só se forma em cada geração, pela aprendizagem da língua que se desenvolveu num processo histórico, em função das características objetivas dessa língua. O mesmo se passa com o desenvolvimento do pensamento ou da aquisição do saber. Está fora de questão que a experiência individual do homem, por mais rica que seja, baste para produzir a formação de um pensamento lógico ou matemático abstrato e sistemas conceituais correspondentes. Seria preciso não uma vida, mas mil. De fato, o mesmo pensamento e o saber de uma geração formam-se a partir da apropriação dos resultados da atividade cognitiva das gerações precedentes. (LEONTIEV, 2004, p. 284).

Esse importante alinhamento com uma teoria do desenvolvimento, que contempla nossa abordagem pedagógica, nos levou à elaboração do Projeto Político Pedagógico do “Arte para Todos”. Nele, definimos nossa concepção de arte, a qual sustenta a nossa prática em sala:

Arte é um processo de criação e expressão que está em constante movimento, desenvolvimento e resignificação. Ao vivenciar o processo artístico o indivíduo se conecta com sua existência e com os contextos em que está inserido. E ao fruir a arte, nas suas mais diversas expressões, o ser humano acessa também outras perspectivas, sendo impulsionado a vivenciar novas experiências e a compreender a vida de forma mais plena e consciente. A arte permite ao ser humano reconhecer suas potencialidades. Ela tem uma função libertadora vital, de nos fazer existir também para além dos padrões pré-definidos pela sociedade, portanto não pode nos ser tirada. A arte nos faz transgressores de nós mesmos.

Outro conceito que desenvolvemos como referência é o de estética:

ESTÉTICA vem da palavra grega, *Aisthesis*. É a área do conhecimento que nos faz entender o mundo que nos cerca, através dos sentidos humanos. É chamada de “a Filosofia da Arte”. E o que é o belo? No Arte para Todos a definição do conceito de belo está muito além dos paradigmas preestabelecidos. Acreditamos

na importância da quebra destes e que a beleza está em todos nós e que toda forma de expressão artística é uma forma de beleza.

O importante para nós, professores do “Arte para Todos”, é que todas as atividades sejam propostas de maneira lúdica, com foco nos processos de estímulo à criatividade – sempre respeitando o tempo individual de cada aluno e trabalhando o reforço de suas potencialidades, com base na liberdade de criação e na sua forma de se expressar e se comunicar com o mundo. As práticas desenvolvidas dentro e fora da sala de aula estimulam o protagonismo do aluno e de sua expressividade.

Para que isso seja realmente possível, trabalhamos com dramaturgia colaborativa, criando um espaço para que as ideias dos alunos estejam presentes nos exercícios e nas montagens de trabalhos realizados com as turmas. Contribuímos, assim, para o desenvolvimento de sua autoestima e da crença em sua aut capacidade e, também, para o fortalecimento da construção do seu papel de cidadão, do reconhecimento de sua função social perante a família e a sociedade.

A história está acontecendo e precisamos entender nosso papel como indivíduos e coletivo para que entendamos as diferenças como um fator positivo da nossa existência. Nossa pedagogia está em construção, buscando sempre referências no que já foi pensado e experimentado, para manter uma coerência com os nossos discursos, com as verdades que estabelecemos a partir do que vivenciamos. Incluir é tarefa de todos! Seguimos fazendo nosso papel e dividindo o questionamento que nos trouxe até aqui: Por que não incluir?

Referência

LEONTIEV, Alexis. O homem e a cultura. *In*: LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004. p. 277-302.